

UM GHUL DENTRO DO PEITO.  
DO CONTO “O INFELIZ”, DE ABD ARRAHMAN MUNIF

Adriano Aprigliano\*

**RESUMO:** Em “O Infeliz”, *Almankūd*, do escritor jordaniano ‘Abd Arraḥmān Munīf (1933-2004), o narrador resgata suas memórias de criança sobre o tio beduíno. Subjacente ao relato familiar, revela-se uma perspectiva contundente sobre o conflito entre a vida urbana moderna e o tradicional nomadismo das regiões desérticas do Oriente Médio. Apresento aqui a primeira tradução desse conto para o português brasileiro. Nas notas à tradução, comento particularidades do árabe literário e minhas soluções em português. Na introdução, sumário a vida e a obra do autor, bem como a estrutura e os temas centrais de “O infeliz”.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura árabe moderna; conto árabe; nomadismo; urbanização

**ABSTRACT:** In “The Wretched One”, *Almankūd*, by Jordanian writer ‘Abd Arraḥmān Munīf (1933-2004), the narrator harks back to his child memories about his bedouin uncle Underneath the Family tale, there emerges a scathing look on the conflict between modern urban and traditional nomad cultures in desert regions of the Middle East. I present here the first translation of this short story into Brazilian Portuguese. In the Notes to the translation, I comment on peculiarities of Literary Arabic and how I treated them in Portuguese. In the Introduction, I summarize the author’s Life and Works, as well as the structure and main themes in “The Wretched one”.

**KEYWORDS:** Modern Arabic Literature; Arabic Short Story; nomad and urban cultures

‘Abd Arraḥmān Munīf nasceu em Amã, na antiga Transjordânia – a Jordânia de hoje – em 1933 e faleceu em Damasco, na Síria, em 2004, aos 71 anos.

Filho de mãe iraquiana e pai saudita, passou a infância em Amã, capital da Jordânia. Ainda criança, perdeu o pai. O menino fará seus primeiros estudos num Kuttāb, escola primária tradicional, dedicada ao ensino do Alcorão. As experiências desse tempo ele contará em suas Memórias, “Biografia de uma cidade: A Amã dos anos quarenta”, *Sīrat madīnat – ‘Ammān fī l’arba’īnāt*, publicadas em 1994.

Em 1948, em decorrência dos eventos da Guerra Árabe-Israelense, o jovem Munīf, ainda adolescente, já assume posições políticas em consonância com o novo nacionalismo árabe que surgia com a fundação do partido socialista Ba’at, na Síria, um ano antes.

Em 1952, aos 19 anos, segue para Bagdá, no Iraque, para estudar Direito. Nesse período filia-se oficialmente ao comando regional do Ba’at no Iraque. Depois de participar das manifestações contra o Pacto de Bagdá (1955), será expulso do país junto com muitos outros ativistas, antes de ter concluído a faculdade. Segue então para o Cairo, onde conclui o curso de Direito em 1957: são os tempos de Gamal ‘Abd Annāṣir, auge do nacionalismo egípcio.

---

\* Professor de Língua e Literatura Sânscrita, USP. Membro do grupo “*Tarjama*: escola de tradutores de literatura árabe moderna”.

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

Em 1958, financiado pelo Ba'at, segue para a Universidade de Belgrado, na Iugoslávia de Tito, para fazer doutorado em Economia do Petróleo. Quando retorna ao mundo árabe em 1961, Munīf tem breve passagem pelo Líbano, trabalhando no escritório regional do Ba'at em Beirute. Em 1963, também em virtude de suas posições políticas e de suas críticas ao regime, perderá sua nacionalidade saudita. Muda-se, então, em 1964, para Damasco, na Síria, onde residirá por quase uma década, trabalhando como consultor no Ministério do Petróleo.

Retorna ao Líbano em 1973. É neste momento que, já com 40 anos, inicia sua carreira na imprensa e na literatura.

Em 1975, em virtude da eclosão da guerra civil no Líbano, Munīf retornará a Bagdá onde residirá até 1981. Nesse período será o editor da revista *Annaft wattanmiya*, “Petróleo e desenvolvimento”.

Outra guerra, entre Irã e Iraque (1980-1988), o levará a mais uma mudança, desta vez para Boulogne, na França. Lá Munīf ganhará a vida como economista até 1986, quando se muda definitivamente para Damasco, onde falecerá, em 2004.

Apesar de ter começado a escrever ficção apenas aos 40 anos, ‘Abd Arrahmān Munīf, publicará até o fim da vida vasta obra literária: são catorze romances e um livro de contos, além de artigos e ensaios sobre economia, história e política do mundo árabe.<sup>1</sup>

Sua obra começa a ser notada com o celebrado romance de 1975, *Aššarq almutawassiṭ*, “A leste do Mediterrâneo”, no qual narra a história de um ativista político torturado na prisão. A temática desse livro reverbera por toda sua obra: a opressão das ditaduras e das forças econômicas sobre o indivíduo e o meio.

Em *Annihāyāt*, “Os fins”, coleção de contos publicada em 1978, encontra-se outro tema caro à obra de Munīf, o confronto da frágil ecologia dos desertos e da vida nômade dos árabes beduínos com o avanço irremediável da urbanização, impulsionada pelo poder econômico.

Em 1982, depois de publicar romance escrito a quatro mãos com o célebre intelectual palestino Jabra Ibrahim Jabra, *‘Ālam bilā ḥarā’iṭ*, “Mundo sem mapas”, passa a trabalhar no que é considerado seu *magnum opus*: *Mudun almilḥ*, “Cidades de sal”, pentalogia publicada entre 1984 e 1989, que registra, pelo olhar beduíno, a história do mundo árabe na era do Petróleo, desde o fim do séc. XIX até os anos setenta.

Sua última obra foi outro vasto romance, a trilogia *‘Arḍ assawād*, “A terra da escuridão”, publicado em 1999.

A temática fundamental da obra de Munīf são as formas de opressão que subjagam os árabes no período moderno, quer as trazidas de fora pelas potências petrolíferas, quer as infringidas por dentro pelos regimes totalitários que passaram pelo poder no mundo árabe desde o século XIX.

---

<sup>1</sup> Seu primeiro romance é de 1973. Postumamente foram publicados ainda um romance e dois livros de contos. Todas as obras de Munīf foram editadas pelo Instituto Árabe para a Pesquisa e a Divulgação, de Beirute.

## O conto “O Infeliz”

O conto *Almankūd*, “O Infeliz”, foi publicado em coletânea de contos póstuma, de 2006, intitulada *’Asmā’ musta’āra*, “Nomes emprestados [ou Codinomes]”. O conteúdo político que se espera das obras de Munīf aparece de maneira mais sutil nesse conto.

Trata-se da história de um homem beduíno contada pelas lembranças de uma criança. O beduíno Ibrahim é seu tio, irmão de sua mãe (*ḥāl*, “tio materno”). Visto como espécie de ovelha negra, em virtude de seu modo de vida nômade e de sua concepção especial de mundo, a personagem transita com pouca destreza no seio da família.

O conto é constituído de duas narrativas: o relato do filho, o narrador – adulto que recupera suas memórias de infância – e o relato de seu pai, que brota de uma das histórias narradas. O contraste dessas duas narrativas reside na plenitude de sentido da visão infantil, que descobre no tio um ser humano carregado de experiências e histórias, ao passo que seu pai e os parentes adultos – que ecoam das memórias da criança –, enxergam apenas a inadequação daquele homem nômade à forma de vida urbana que levam, ao tipo de trabalho que exercem e à ética a que respondem.

Ibrahim não é o *gauche* clássico, de feição político-ideológica, mas o homem de outro tempo, que a cidade – a urbanização moderna capitalista enfim – não comportam. Ele não só não responde aos estamentos da vida na cidade como os rejeita conscientemente, conduzindo a vida com nomadismo orgânico: sua obsessão é a viagem (*arriḥla, assafar*), sua companhia é o camelo ou a camela. O amor, a casa, o trabalho e o dinheiro transitam por sua vida como a paisagem: são apenas meios de que toma só a porção necessária para seguir viagem.

Mas Ibrahim sempre retorna. E reinstaura-se o contato tenso com os adultos da família: dos seus relatos só recolhem os malsucedidos, só avaliam suas perdas (o episódio das ovelhas). Os ouvidos dos adultos permanecem moucos para a riqueza das experiências e das histórias que emana daquele homem, absorvida apenas pelas crianças. A solução para o tio extraviado é impiedosa, como o avanço cego da cidade e do dinheiro sobre o ermo carregado de sentido dos desertos.

## Da tradução

De meu conhecimento, além deste conto que ora apresento<sup>2</sup>, a obra de Munīf nunca foi traduzida ao português. Nas notas que acompanham a tradução, procuro observar e discutir pontos difíceis do texto e questões peculiares de língua, explicando as soluções de tradução que encontrei. Procurei também fornecer as poucas referências históricas, geográficas e culturais necessárias à compreensão de certas passagens.

---

<sup>2</sup> Esta tradução foi realizada no âmbito dos trabalhos do Grupo de Pesquisa CNPq *Tarjama – Escola de tradução de literatura árabe moderna*, liderado pela Prof.<sup>a</sup> Safa Jubran (DLO/FFLCH/USP) e por mim. Agradeço a ela e aos membros do grupo — Beatriz Geminiani, Diego Montecinos, Felipe Benjamin Francisco, Jemina Alves, Júlia Cardoso Rodrigues e Pedro Martins Criado — pelas correções e sugestões feitas durante nossas seções de leitura.

## O Infeliz<sup>3</sup>

para 'Alī Al'aṣfarī, filho da mulher de Alepo, também infeliz

Dentre as palavras que minha irmã mais velha trazia à tona e repetia em nossos ouvidos sempre que meu tio<sup>4</sup> nos visitava havia aquelas que minha mãe pronunciou, já no leito de morte, a quem estava junto dela: “Não se esqueçam do Infeliz!”. Os presentes logo compreenderam a quem se referia, sem pedir-lhe esclarecimentos, pois tantas vezes se referia a ele assim, que esse apelido se lhe pegara mais que qualquer outro.

Esses apelidos que lhe davam sempre nos causaram<sup>5</sup> estranhamento, e questionamento. Por que meu tio era infeliz? Por que era qualquer daqueles nomes que lhe davam? E pela língua de minha tia e das demais mulheres então vinha uma enxurrada de novos nomes para deixar a coisa ainda mais confusa. Chamavam-no “Pé-frio”, “Caso perdido”; uma das mulheres mesmo arriscara chamá-lo de “Boçal”<sup>6</sup>, e levantava as mãos para o céu pedindo a deus “que o endireitasse ou que o levasse!”. Mas não conseguíamos achar uma explicação para esses epítetos que os adultos trocavam entre si e que não se aplicavam senão a ele.

Seu nome ia se perdendo, tomando o seu lugar, sempre que nos visitava, um novo apelido mais impactante que os precedentes, até que, da última vez, meu pai chamou-o “Animal”; embora “Pé-frio” e “Infeliz” continuassem a ser os epítetos de maior persistência e circulação. As histórias que se contavam sobre ele no mais das vezes

---

<sup>3</sup> *Almankūd*, “O Infeliz”. Apesar da riqueza de significados deveras específicos que os dicionários arrolam para a raiz verbal *nkd*, na literatura clássica, o derivado particípio passivo *mankūd* é empregado no árabe padrão moderno com os sentidos mais comuns de “desafortunado; azarado” ou “infeliz”. Optei pelo segundo devido ao campo semântico mais largo deste adjetivo em português. De fato, os usos de “infeliz” em português, bem como do derivado “infelicidade”, comportam a ideia do infortúnio e do azar, também presentes no árabe *mankūd*.

<sup>4</sup> *Ḥāl*. O termo árabe é mais específico que o português: refere-se apenas ao irmão da mãe. O tio paterno se diz *‘āmm*.

<sup>5</sup> *dallat tuṭīru*, “sempre causaram”. Trata-se de perífrase verbal comum em árabe: o verbo auxiliar *dall*, “seguir, continuar”, constrói-se com outro verbo finito, no imperfectivo, (aqui *tuṭīru*, de *‘atār*, “causar”), ambos marcados pela mesma pessoa gramatical. No entanto as construções mais literais (“seguiam/seguiram ou continuavam/continuavam causando/a causar”) não me pareciam captar o sentido preciso da frase. Na tradução, preferi expressar a ideia de continuidade do verbo auxiliar árabe pelo advérbio “sempre”, o que, ao meu ver, deu mais precisão e concisão ao sentido.

<sup>6</sup> *‘ātīr alḥaḍḍ*, *aḍḍā’ī*, *almahbūl*, “pé-frio, caso perdido, boçal”. Traduções mais literais para as duas primeiras expressões seriam, respectivamente, “que tropeça na (com relação à) sorte” e “perdido, extraviado”; *mahbūl* é a pessoa de pouca inteligência, o néscio, o estúpido etc. As expressões que escolhi para os dois primeiros tentam dar conta da natureza lapidar e unitária do idiomatismo, daí o emprego de expressões também idiomáticas em português. Já a escolha de “boçal” por *mahbūl* reside na força da palavra no contexto: “uma das mulheres mesmo arriscara chamá-lo de...”. Entendi que era preciso uma palavra forte — fonética e semanticamente — para conter a tensão crescente dos enunciados que seguem, nos quais o gracejo vai ganhando tons de desgosto e rejeição.

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

acabavam depressa quando estava ausente, até que minha tia passou a empenhar-se<sup>7</sup> em cortar toda e qualquer conversa sobre ele, pois acreditava que a simples menção dele o traria à nossa presença. Certa vez ouvi-a dizer em voz alta ao grupo das mulheres que conversava sobre ele: “Esqueçam dele, vocês têm que parar de falar nele... senão vai ser como diz o ditado: *Falou no diabo, apareceu o rabo...*”<sup>8</sup>.

Meu tio era como os outros homens. Não tinha nada que o distinguisse senão a barba curta e grisalha, os olhos cansados. Não era alto; estava mais para magro. Mas havia sim uma outra coisa que o distinguia: os pés enormes<sup>9</sup>, envoltos por uma camada grossa de pele morta. Esses pé's, na medida em que provocavam a crítica e o desgosto em minha tia, em nós causavam um misto de espanto e maravilha, e criavam em nossas mentes imagens sem fim das distâncias que ele percorrera e dos lugares que visitara.

Minha tia dizia que tinha visto um escorpião dormindo na sola do pé dele. Meu tio olhava para os pés e abria um sorriso; com o canto do olho piscava para nós, meneava a cabeça, como que negando aquela história.

Pois então, meu tio era como os demais homens, e eu não sabia por que lhe punham esses apelidos todos, por que o provocavam. Ele não incomodava ninguém; conversava só raramente. Muitas vezes angustiava-se na presença de meu pai e dos homens a sua volta, e então esperava uma oportunidade e deslizava calmamente, sem ninguém notar, e recolhia-se num lugar distante e, estirando-se no chão, brincava com a ponta do pelego em que dormia, cantando canções beduínas que nós não entendíamos.

Quando o víamos desse jeito, procurávamos uma maneira de nos aproximarmos dele: levávamos-lhe comida, uma almofada. Mas se ele já havia preparado o leito e comido, restava-nos levar-lhe água, quer ele quisesse, quer não.

---

<sup>7</sup> *dallat tahriṣu 'alà*, “(ela) passou a empenhar-se em”. Mais uma vez o auxiliar *dall* impõe ao sentido do enunciado matiz que não se pode capturar em português por verbo auxiliar correspondente, com, e.g., “continuar”. O introdutor de oração temporal *hattà* (“até que”) contribui para que se dê melhor solução à perífrase, já que a ideia temporal terminal ou conclusiva de “até que” não se coaduna, em português, com o tipo de continuidade expressa pelo verbo auxiliar “continuar” ou semelhante. Minha solução foi empregar outro auxiliar: *passar a + inf.* Nesta construção, a ideia de continuidade se reajusta na de início de uma ação repetida, esse “empenho” expresso pelo infinitivo.

<sup>8</sup> *'idā dukira ddi'bu ḥaḍḍir al'aṣā*. lit. “Quando se fala do lobo, apanha o pau!”. Uma das questões delicadas para os estudos de tradução intercultural é o caso dos ditados e frases feitas. Não acredito que deva haver uma lei a reger todos os casos. Aqui optei por usar um ditado de sentido semelhante em vez de traduzi-lo, por me parecer que a forma deste ditado português em particular, além de expressar de maneira cabal a ideia para o leitor de língua portuguesa, não fere o contexto da cultura original.

<sup>9</sup> *'aqdāmahu lkabīratu*, “os pés enormes”. Chamo atenção apenas para o fato de que o autor emprega o plural de *qadam*, *'aqdām*, em vez do esperado dual (*qadamāhu*) para expressar as partes do corpo que se apresentam em pares. Logo abaixo (“Esses pés”), também faz uso do mesmo plural. Porém, no parágrafo seguinte dirá: *yanḍuru ḥālātī 'ilā qadamayhi*, “Meu tio olhava para os pés (lit. os seus dois pés), empregando o dual. Não compreendo a motivação de tal variação. Sendo conto de publicação póstuma, talvez se trate apenas da falta de uma última demão de revisão.

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

E então, na escuridão impregnada da luz distante dos quartos e das conversas dos homens, que chegavam a nós como um zumbido indistinto, meu tio começava a contar-nos de suas viagens e das dificuldades que enfrentara, dos duros dias de frio no deserto. Olhávamos para ele e ficávamos maravilhados daquela força que o punha acima do comum dos homens<sup>10</sup>, e nos perguntávamos como conseguira ficar sem água por tanto tempo e como era aquilo de<sup>11</sup> se meter na boca uma pedrinha para dominar a sede.

E nos perguntávamos por que não havia água nos desertos, e nos perdíamos imaginando lugares longínquos e terríveis, lugares que o ser humano comum não seria capaz de atravessar; já aquele homem simples sentado junto de nós atravessara tudo, e agora contava, e era como se lesse dum livro.

Estranhávamos porque não contava dessas aventuras aos adultos, e ficávamos ainda mais maravilhados de que os adultos não lhe perguntassem a respeito delas. Decerto, se acontecesse uma coisa dessas, meu tio teria entre eles uma posição completamente diferente: não se atreveriam a chamá-lo de “boçal” ou de qualquer outro daqueles nomes feios, e se encheriam de pasmo e de temor, pois veriam a si mesmos como fracos, incapazes do que fosse<sup>12</sup>.

Essas perguntas ficavam girando em nossas cabecinhas, e não lhes achávamos respostas. Então elas se extraviavam no turbilhão de risadas escarnecidas e de palavras que desabavam sobre ele feito chuva:

“Quando viajas?”

“Pra leste ou pra oeste?”

“Não te canses, ô Infeliz... tu não serves pra nada mesmo. Vê se te enterras, é melhor pra ti”.

“Quando voltas, ô Boçal?”

“Vê se não<sup>13</sup> vais judiar da camela nessas tuas andanças malucas<sup>14</sup>, hem!”

---

<sup>10</sup> *Taj'alahu fawqa mustawà Irijāli l'āḥirīna*, “que o punha acima do comum dos homens”. Lit. “sobre/acima do nível dos outros/demais homens.

<sup>11</sup> *natasā'alu... kayfa 'annahu waḍa'a alḥaṣā fi famihi*, “nos perguntávamos... como era aquilo de se meter na boca uma pedrinha...”. Aqui a conjunção *'an* (“que”) serve para realçar a ação verbal, lit. “como *que* ele colocava uma pedrinha...”. O narrador com essa construção expressa a maravilha das crianças (“ficávamos maravilhados...”) com as ações do tio. Essa sutileza tentei capturar com a construção “como era aquilo de se meter na boca uma pedrinha...”, que chama ainda mais atenção para o inusitado da ação.

<sup>12</sup> O árabe expressa o modo condicional irreal por duas formas verbais no perfectivo correlacionadas pelas conjunções *law* (“se, caso”) e *la* (“então”): *law ḥaṣala... la'aṣbaḥa waḍ'u ḥālī...*, lit. “Se ocorreu..., então a posição do meu tio foi...”. Interessa aqui observar que o sentido do modo irreal da condicional pode, em árabe, extrapolar do contexto da oração e colorir as formas verbais do entorno discursivo. É o que acontece aqui: “não se atreveriam”, “se encheriam”, e “veriam” são, no texto árabe, formas de futuro simples (*lan yajra'ū 'alā; sayamtali'ūna* e *sayarawna*, lit. “não se atreverão”, “se encherão” e “verão”), que precisam necessariamente, em virtude do contexto, serem traduzidas pelo nosso futuro do pretérito, a mesma forma que se utiliza na apódose da condicional irreal em português.

<sup>13</sup> *harāmun 'alayka 'an*, “Vê se não...!” Essa expressão, difícil de ser traduzida literalmente, expressa uma injunção proibitiva. Sendo comum no árabe falado, usei expressão coloquial equivalente do português.

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

“Talvez desta vez ele volte rico. Se o Hurr<sup>15</sup> não tivesse morrido há cinco anos, ele podia levar uma carga de tâmaras pra Aljawf<sup>16</sup> e conseguir um bom preço, mas o camelo viu o pé-frio<sup>17</sup> do Ibrahim e preferiu morrer!”

E os homens riam... e detrás das cortinas as mulheres acompanhavam a cena e ardiam de entusiasmo, rindo uns risinhos contidos que mais pareciam miado ou aquele choro engasgado. Meu tio olhava para os homens; um riso triste cobria seu rosto. Não respondia e, quando o importunavam perguntando para onde queria ir, dizia:

“Essa terra de deus é vasta. O homem tem que viajar, se cansar, enfrentar... já o pão cabe a Deus<sup>18</sup>. Essa cidade em que vocês passam a vida, eu não dou um tostão por ela!”

Perguntava-lhe um deles:

“Mas então pra onde dessa vez?”

E seguia-se um instante de tensão e silêncio. Queriam saber seu rumo. Olhava para eles, mas não respondia. Enfim, a paciência um tanto esgotada, apontava com o dedo<sup>19</sup> para o leste.

“Por que não levas tâmaras contigo pro Iraque?<sup>20</sup>”

“Mas do Iraque eles *trazem* tâmaras!”

“É pra teres prejuízo!”

E soltavam altas gargalhadas, fazendo tremular os flancos, lacrimejando.

Essa cena continuava a se repetir com pouca diferença, os homens sempre olhando para o meu tio com aquele olhar, um misto de gozação e pena. Mas ele se mantinha convicto<sup>21</sup>. Olhava para eles com frieza; um sorriso triste cobria seu rosto<sup>22</sup>. Seus olhos cansados porém fitavam um ponto além das caras e figuras que via à sua

---

<sup>14</sup> *bisafarātin tā'ihatīn majnūnatin*, lit. “em viagens erráticas e loucas/malucas”. Preferi condensar a ideia da “viagem errática” no termo “andança”. O uso dos pronomes (“nessas tuas...”), não presentes no original, serve para reforçar o tom reprobatório da frase.

<sup>15</sup> *Alḥurr*, lit., “o Livre”. Trata-se do nome do camelo. Aqui optei por uma transcrição simples de todos os nomes próprios, i.e., sem fazer uso dos sinais diacríticos empregados em obras especializadas.

<sup>16</sup> Provavelmente refere-se à região da Arábia Saudita, situada no norte do país, fazendo fronteira ao sul com a Jordânia, próxima do sul do Iraque. Aljawf também é o nome de uma cidade na Líbia e de uma das divisões administrativas (*muḥāfaẓa*) do Iêmen.

<sup>17</sup> *ḥaddu Ibrāhīmi l'āṭiri*, algo como “a sorte do azarado Ibrahim”. Aqui vemos reorganizados os mesmos termos da expressão *āṭiru lḥaddi* (tropeçado de/na sorte).

<sup>18</sup> *'ammā rrizqu famin 'inda llāhi*. Por *rizq*, “sustento”, preferi o figurado “pão”. *Min 'inda llāhi*, poderia ser traduzido simplesmente por “vem ou provém de Deus”. Com “cabe a Deus”, tentei trazer da frase anterior a ideia de dever: “O homem tem que...”

<sup>19</sup> Em árabe, “sua mão” (*yadahū*). Substituí pela expressão corrente em português, “apontar o dedo”, em favor da naturalidade da expressão.

<sup>20</sup> Se o Leste é o Iraque, o mais provável é que a história se passe na Jordânia. Lembremos que o autor lá viveu sua infância, o que faz pensar que na voz do narrador, adulto que narra suas memórias de infância, misturem-se, em alguma medida, as memórias do próprio Munīf.

<sup>21</sup> *falam yataḡayyar mawqifuhu minhum*. lit. “Ele não mudava de posição em relação a eles.”

<sup>22</sup> *ibtisāmātun ḥazinātun tamla'a wajhahu*, “um sorriso triste cobria seu rosto.” A mesma frase já havia sido utilizada. Cf. acima o parágrafo iniciado por “E os homens riam...”

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

frente. Pensava em lugares distantes e pessoas distintas; em seu rosto gravavam-se as sombras dos pensamentos e dos lugares que vira e ele se entregava a elas com um prazer onírico que se notava<sup>23</sup> no relaxamento daquelas linhas pesadas que cobriam sua testa, ou com sua mão áspera estendendo-se para a barba grisalha, cofiando-a; mas o ruído dos homens e seus olhares sempre o traziam de volta; então era visto sacudir a cabeça nervoso, como se um pesadelo o tivesse despertado de um sono profundo, e arregalava os olhos, olhando para aqueles rostos como se os visse pela primeira vez e, sem esconder a afetação, tentava retomar a conexão com o que estava a sua volta, mas na primeira oportunidade que surgia de sair ao ar livre, logo abandonava o círculo que se fechava a seu redor.

\*\*\*

Meu tio voltou uma vez, depois de um intervalo de mais de dois anos, e pareceu então nervoso e preocupado. Não queria falar com ninguém, nem mesmo com as crianças. As perguntas que lhe faziam, só respondia forçado.

Boa parte do tempo passava dormindo debaixo duma videira. Dormia durante o dia por longos períodos enrolado, apesar do clima quente (estávamos então nos inícios do outono), numa coberta de pele de carneiro, e deixava seu longo cajado perto da cabeça. Quando o calor o sufocava, ou quando o acordavam para comer, despertava nervoso e assustado, e uma gota grossa de suor escorria de sua testa pela barba e pelo pescoço.

Ao meio dia de um daqueles dias aproveitara a oportunidade de encontrar meu pai sozinho e entrou para falar com ele. Trancou a porta calmamente.

Meu pai contava: — Ibrahim veio falar comigo apreensivo. Os olhos dele antes soltavam faíscas; eu não o reconheci naqueles olhos apagados. Estava com a cara amarelada, caindo para um azul meio pálido, tremendo nas extremidades. Mal entrou, trancou a porta. Fiquei até com medo. Meu coração palpitava; pensei que estava para acontecer algo de ruim. — Ibrahim me olhou com um olhar perplexo, enigmático. Tentou sorrir, mas o sorriso mais parecia choro. Então afrouxou os músculos da boca e mostrou o lábio inferior, mas desistiu de sorrir de repente, como se um pensamento colérico passasse pela sua cabeça ou se lembrasse de alguma coisa triste. Aqueles momentos me pareceram longos, árduos, entre ele trancar a porta e eu enfim ouvir as palavras lhe saírem pela boca, como se elas viessem de um lugar distante ou de um outro mundo:

— Esta é a última vez que te peço dinheiro, *hajj*<sup>24</sup>.

— Mas onde está a camela que trouxeste da última vez?

— Vendi; no lugar comprei sete ovelhas.

— E onde estão as ovelhas?

---

<sup>23</sup> *talmisuhā*, lit. “que notavas”. O árabe comumente expressa pela segunda pessoa o que expressamos em português pelas formas verbais impessoais.

<sup>24</sup> *hājīj*, lit. “peregrino”, em especial peregrino muçulmano que já fez ou faz o mais célebre *hajj*, a peregrinação a Meca. O termo é usado no mundo árabe com qualquer pessoa de mais idade como forma de tratamento respeitosa.



## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

— Foi então que o rosto do tio se encheu de estupor; os olhos saltaram, espremeram-se; o lábio inferior se esticou, que parecia mais um pedaço de pele seca. Estava claro que ele pelejava com pensamentos que lhe oprimiam a cabeça. Mas num instante decidiu responder:

— Perdi, *hajj*...

— Perdeste? Como? Morreram?

Meu pai seguia contando: — Quando ele me explicou a situação, eu recobrei a coragem. Disse a mim mesmo que chegara a hora: enfim eu conseguiria ditar ao tio minhas condições, conseguiria deixar claro que não havia ali necessidade de repetir os mesmos termos que eu usara para convencê-lo mais de uma vez<sup>25</sup>. E Ibrahim se convenceu! Não repetiu as tolices [*kalāman ṣaḥīfan ṭālaman*] que sempre dizia das outras vezes.

— Toda vez que eu tentava convencê-lo a abandonar a vida que levava, ele me dizia: — Acho estranho como o ser humano consegue ficar sentado numa cadeira de palha, numa loja úmida, onde não bate sol durante o dia. É como se estivesse amarrado entre as sacas de açúcar e arroz... Se ficar assim um bocado de tempo, estou certo de que vai virar alguma coisa de pedra. Ora, prefiro mil vezes viver que nem rato<sup>26</sup>! E calava-se por um longo tempo. E concluía: — O ser humano tem que viver sob o sol, ao ar livre, com água pura, debaixo da chuva, com o cheiro do pasto e do deserto, dos cavalos, do gado e dos camelos<sup>27</sup>.

— Mas desta vez não disse nada.

— Perdi, *hajj*, ponto final<sup>28</sup>.

— Não vou te dar o dinheiro do camelo até que eu saiba como é que as perdeste.

E meu tio decidiu falar. Hesitou no início, mas depois disse:— Estava em Raqqa<sup>29</sup> esta primavera e travei conhecimento com uns beduínos do ramo de ovelhas. Depois de passar um tempo com eles, me sussurraram no ouvido que eu me casasse com uma conhecida deles, uma mulher que morava num rincão ali de Raqqa. Depois de matutar

---

<sup>25</sup> (...) *'astaṭī'u... wa'an 'uṭbita lahu 'anna lkalāma llaḍī ḥāwaltu 'iqnā'ahu bihi 'akṭara min marratin, lam ya'ud hunāka ḥājatun li'an 'uraddidahu 'alayhi min jadīdin*, "(...) conseguiria deixar claro que não havia ali necessidade de repetir os mesmos termos que eu usara para convencê-lo mais de uma vez". A sintaxe do árabe faz uso frequente de estruturas topicalizadas ou antecipações. Este é um exemplo complexo delas, em que o tópico não é apenas sintagma, mas frase completa. Em tradução mais literal teríamos: "conseguiria deixar claro que, [os termos que eu usara para convencê-lo mais de uma vez] (tópico), [não havia ali necessidade de repeti-los] (comentário)."

<sup>26</sup> *wa'inna ḥayāta ljirḍāni 'afḍalu 'alfa marratin!* lit. "Decerto a vida das ratazanas é mil vezes melhor!" Adaptei a frase sintática e semanticamente para dar mais força à expressão em português.

<sup>27</sup> *yajibu 'an ya'tša l'insānu fī ššamsi, fī l'arā'i, walmā'i ṣṣāfiyyi walmaṭari, warā'iḥati l'ušbi waṣṣaḥrā'i walḥayli walḡanami waljimāli*. A única preposição usada para a sequência toda de sintagmas é *fī*, "em": "O homem tem que viver no sol, no ar livre..." Preferi especificar a preposição de cada sintagma de acordo com o que soaria mais natural em português.

<sup>28</sup> *Wantahā 'amruhā*, lit. "e terminou (assim) o caso delas".

<sup>29</sup> *Arraqqaḥ*. Cidade no nordeste da Síria.

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

bastante<sup>30</sup>, calcular quanto dinheiro eu precisava para casar, decidi vender a camela; no lugar comprei umas ovelhas. Ovelha dá leite, dá lã, dá para recuperar algum dinheiro. Foi o que fiz: vendi e comprei. E veio aquela conversa de casamento. Depois que eu paguei o dinheiro, fomos com a coisa quase até o fim; só que ela deu de exigir que eu ficasse na cidade, numa casa de barro; era para eu ficar em definitivo. Ela disse que não viajava nem queria que eu viajasse. Então falei com o pessoal que estava intermediando; expliquei que<sup>31</sup> era impossível aceitar aquelas condições e, antes que me cansasse de tentar, abandonei tudo e me pus em viagem. Foi assim que eu perdi as ovelhas, *haji*. E gemeu dolorido...

Meu pai continuava: — Eu imaginava que ia mesmo conseguir, pois o medo que senti no rosto do tio, o jeito como hesitava, e então implorava que desse o dinheiro para comprar o camelo, ou que eu mesmo o comprasse para ele com a minha experiência, isso me colocou numa posição indescritível para convencê-lo de uma vez por todas<sup>32</sup>. Só que, depois de ouvir a história das ovelhas, fiquei pessimista, não soube o que fazer. O homem seguia resistindo. Não queria ficar na cidade, não queria estar preso a nada. Ainda preferia perder-se pelos ermos de algum outro lugar. Eu podia não dar o dinheiro, mas isso não mudaria nada; e se desse, como das outras vezes, ele compraria um camelo, vagaria com ele por um ou dois anos, com fome, perdido, sem rumo, e então retornaria. Talvez voltasse com um camelo que vendera e comprara algumas vezes; talvez voltasse sem coisa alguma e repetiria os mesmos pedidos. Decidi ceder. Mas queria judiar dele um pouco; não digo que tentei argumentar, pois concluí, depois refletir um pouco, que, com ele, argumentar de nada servia. Propus dar-lhe uma quantia maior do que a que havia pedido com a condição de que abrisse uma loja e ficasse; propus comprar-lhe uma mercadoria que o levaria ao Iraque com outras pessoas, e se voltasse de lá sem outra vez fugir, eu lhe daria um negócio em que trabalhasse por conta própria. Propus-lhe tudo isso. Mas ele pareceu mais distante do que nunca. Estava distraído, não escutava o que eu dizia e conversava só com umas poucas palavras que, no entanto,

---

<sup>30</sup> *ba'da tafkīrin ṭawīlin*, lit. depois de longo pensamento/reflexão. “Matutar” expressa de forma concisa e colorida a ideia de “pensar muito”, e me parece combinar com o efeito de estilo das falas do tio beduíno.

<sup>31</sup> *waqad 'afhamtu lwuṣṭā'a 'anna qubūla miṭla hādīhi ššurūṭi mustahīlun*. 'Afhamtu é 1<sup>a</sup>.p.s. da forma causativa do verbo *fhm*, “entender”, i.e., “fiz entender; explicar”. Dividi a ideia desta forma verbal em dois verbos, “Então falei...; expliquei...”. Optei por recompor a frase desta forma, por achar que a transição em árabe — *waqad 'afhamtu 'an...*; “E eu expliquei que”— soava deveras brusca em português.

<sup>32</sup> *falḥawfu... wataradduduhu fī lḥadīṭi, ṭumma tawassulātuhu 'an a'tiyahu mālan... ja'alanī fī markazi...*, lit. “Mas o medo..., a sua repetição na conversa, então a sua súplica por que eu desse o dinheiro... me puseram numa condição...”. Em árabe, como se vê, o estado e as ações do tio (medo, repetição, súplica) são todos expressos por nomes, sujeitos do verbo *ja'al* (“pôr, colocar; fazer com que”). Visando o resultado mais harmônico em português, reorganizei o período, reconfigurando algumas expressões pela mudança de foco semântico (“hesitação na sua fala” > “o jeito como hesitava”) e pela mudança de foco sintático (“então a sua súplica porque” > “e então implorava que”).

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

eram claras e firmes. Disse-me: — Te lembras, *hadj*, da mulher de Alepo<sup>33</sup>? Ela se casou de novo depois que teve certeza de que me era impossível ficar na cidade. Eu renunciei à criança; disse a ela que jamais ia reivindicá-la. Já essa filha de Raqqa, antes que ela fechasse as condições, parti sem dizer palavra. De comércio, não entendo nada. E calouse por um momento, e então disse: — Dá o dinheiro do camelo, *hadj*. Deus vai te recompensar. E não mais vais ver meu rosto.

— As feições do tio eram as de quem implora e teme; invadira-o a forte sensação de que eu não cederia daquela vez, sobretudo depois que eu soube como “perdera” as ovelhas...

Meu pai continuava contando a história, extasiado: — Queria saber como ele tinha renunciado às ovelhas com tanta facilidade. Perguntei-lhe:

— Houve contrato, tio?

— Não houve, não<sup>34</sup>. Mas fechou-se um acordo; e a coisa foi quase até o fim, não fosse aquela condição.

— Tinhas que ter tomado de volta as ovelhas, já que ela não foi tua mulher.

— Tive vergonha, *hadj*, depois que as minhas ovelhas e as dos pais dela se ajuntaram.

— Era teu direito. Já se te enganaram, é outra coisa...

— Não me enganaram, não<sup>35</sup>. Eu que abandonei tudo. E parti sem ninguém se dar conta.

E meu pai encerrou, dizendo: — Dei-lhe o dinheiro depois de muito regateio. E ele comprou a camela.

\*\*\*

Ainda me lembro dessa camela de que meu pai falava. A alegria de meu tio era enorme. Ele a prendia perto do lugar onde dormia. Então se punha a conversar com ela e acariciar-lhe o lombo; cantava para ela às vezes. Pensara em lhe dar um nome, mas desistira no último momento. Disse que não o faria antes que a experimentasse em viagem longa.

Uns dias depois, ensaiávamos uma visita a uma de minhas tias numa aldeia um pouco distante da cidade. Meu tio decidiu acompanhar-nos na viagem. Levantou cedo e preparou a camela. Partiu pouco mais de duas horas antes de partirmos. Mal chegamos aos arredores da aldeia onde morava minha tia, encontramos ali meu tio trotando na camela, como se montasse um navio. Ficou apontando para o nosso carro e então se distanciou.

Aquela visita ficou gravada na minha lembrança. Hoje, sempre que me vem a imagem de meu tio, lembro-me do seu rosto de felicidade, da cantoria, e de outras coisas

---

<sup>33</sup> *Alhalab*, cidade no norte da Síria.

<sup>34</sup> A repetição da negativa foi pelo benefício do tom mais oral do diálogo em português; não ocorre em árabe.

<sup>35</sup> Cf. nota anterior.

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

que nem consigo descrever<sup>36</sup>. Na noite que passamos na casa de minha tia, depois de amarrar a camela no pátio, ele ficou até tarde conosco e falou como nunca antes o fizera.

Falou da cidade e das mulheres, do dinheiro e da viagem, e falou dos camelos. E apesar de ser confuso o que dizia sobre algumas dessas coisas, naquela noite tudo nos pareceu cativante, e tudo tinha um brilho intenso.

Disse-nos que, depois de casar, não conseguiu ficar na cidade mais que seis meses; que, depois disso, passou a enxergar a cidade como um *ghul*<sup>37</sup> que tomava conta do seu peito e quase o sufocava e o fazia rejeitar comida e virar um bicho predador. Teve medo de machucar sua mulher e lhe propôs viajar. Teria proposto ficar em outro lugar, mas a recusa e teimosia dela o obrigaram a abandoná-la. Quando retornou dois anos depois, encontrou-a com um filho seu e de novo pensou em ficar na cidade, mas não aguentou. E depois de uma longa reflexão entremeada de problemas e de brigas, divorciou-se dela e deixou-lhe a criança.

Meu tio ainda falou de outras coisas. Disse que não gostava de dinheiro, não sabia o que fazer com ele; também não gostava de casas, de plantio; achava o comércio descarado roubo. Já viajar, viajar era a única liberdade do homem, todo o resto era ilusão! E a palavra “viajar” ficava ressoando em nossas mentes como aquele acento mais forte que é captado pelos nossos ouvidos, e atrás dela nos perdíamos em alucinações longínquas.

Ficamos acordados até bem tarde naquela noite. E então meu tio subiu no telhado da casa para dormir, depois de amarrar o pé com o cabresto da camela. A voz dele ainda chegava a nós calma e triste, e suas canções pareciam choro de camela. Ele só se acalmou e interrompeu seu canto quando minha tia ralhou com ele e o ameaçou mais de uma vez. Ela o xingou e ele enfim se forçou a dormir, ou assim então nos pareceu.

De manhã, acordamos com barulhos atípicos, sons confusos embrulhados em perguntas curtas e respostas em que se distinguiam gritos, xingamentos e pranto.

Meu tio havia caído do telhado, e estava morto.

No quarto em que o haviam estendido, via-se o seu rosto azulado e o sangue seco na bochecha e na barba, os lábios inchados e enegrecidos.

Dois meses depois o túmulo de meu tio era exumado, e seu cadáver retirado para autópsia. Havia chegado às autoridades dados que mostravam que meu tio morrera envenenado...

Foi então que algumas palavras pareceram adquirir sentido preciso em minha mente. Compreendi enfim o sentido da palavra “Infeliz”... e “Pé-frio”.

المنكود

الى علي الأصفري ابن الحلبية المنكود ايضاً

<sup>36</sup> *qad lā taḥṭuru bibālin*, lit. “que não passam pela memória/cabeça”.

<sup>37</sup> *Gūl*, “Ogro”. Monstro do folclore árabe, que habita os cemitérios e come carne humana.

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

من الكلمات التي تذكرها اختي الكبيرة، وتردها على مسامعنا كلما زارنا خالي، ان امي وهي تموت قالت لمن كانوا حولها، "لا تنسوا المنكود" وقد فهم الحاضرون من تعني، ولم يسألوها توضيحاً، لأن امي كثيراً ما كانت تشير اليه بهذا الوصف، حتى أصبح أثبت عليه من اي اسم آخر.

ظلت الأوصاف التي تطلق على خالي تثير فينا الاستغراب والتساؤل، لماذا يكون خالي منكوداً؟ او لماذا يكون اي وصف آخر من تلك الاوصاف التي تطلق عليه؟ ثم جاءت مجموعة اخرى من الاوصاف الجديدة على لسان خالتي وغيرها من النساء، لتزيد الامر غموضاً؛ كان يقال عنه "العائر الحظ"، "الضائع"، وتجرات احدى النسوة مرة ووصفته بالمهبول، ثم رفعت يدها الى السماء وطلبت من الله ان يهديه او يخفيه، ولم نستطع ان نجد تفسيراً لهذه الاوصاف التي يتداولها الكبار، والتي لم تكن لتطلق على أحد غيره.

كان اسم خالي يضيع، ويحل محله في كل مرة يزورنا وصف جديد أكثر اثاره من الاوصاف السابقة، حتى سماه ابي في آخر مرة "الوحش"، ولكن عائر الحظ او المنكود ظلت أكثر الاوصاف ثباتاً وتداولاً. والقصص التي تروى عنه كانت تنتهي اغلب الاحيان بسرعة حين يكون غائباً، حتى ان خالتي ظلت تحرص على ان تقطع كل حديث عنه، لأنها تعتقد ان مجرد ذكره لابد ان يحمله الينا، وفي مرة سمعتها تقول بصوت عالٍ لمجموعة من النساء كن يتحدثن عنه: لنتركه، يجب الا نتحدث عنه... والا تحقق المثل الذي يقول "إذا ذكر الذئب حَضَرَ العصا".

كان خالي مثل باقي الرجال، لا تميزه غير لحيته الصغيرة الرمادية، عيناه المتعبتان، لم يكن طويلاً وأقرب الى النحافة، وهناك شيء آخر يميزه هي أقدامه الكبيرة والتي يعلوها طبقة سميكة من الجلد الميت، وهذه الاقدام بقدر ما كانت تثير النقد والاستياء لدى خالتي، كانت تثير فينا الدهشة الممزوجة بالإعجاب، وتخلق في اذهاننا صوراً لا تنتهي عن المسافات التي قطعها والاماكن التي شاهدها.

تقول خالتي انها شاهدت عقرباً ينام في باطن قدمه. وينظر خالي الى قدميه ويبتسم، وبطرف عينه يغمز لنا مع هزة رأس تنفي هذه القصة.

كان خالي اذن رجلاً مثل باقي الرجال. ولم أكن أدري لم يطلقون عليه هذه الاوصاف ولم يضيقون به، لم يكن يزعج احداً، فهو لا يتكلم الا نادراً. وكثيراً ما كان يضيّق بمجلس ابي والرجال الذين حوله، فاذا وجد فرصة انزلق بهدوء دون ان يحس به أحد، وانزوى في مكان بعيد، متمدداً على الارض يعيث بطرف جلد الخروف الذي ينام عليه، ويدندن بأغنيات بدوية لم نكن نفهمها. كنا عندما نراه في مثل هذا الوضع نلتمس وسيلة لنصل اليه. كنا نحمل له أكلاً أو وسادة. فاذا كان قد هياً فراشه وأكل، فلا اقل من الماء نحمله اليه سواء كان يريد او لا.

وفي الظلمة المشربة بنور الغرف البعيدة، وأحاديث الرجال تصلنا مثل طنين غير واضح، كان خالي يبدأ يحدثنا عن اسفاره والمصاعب التي واجهها، وعن ايام البرد القاسية في الصحراء، كنا ننظر اليه وقد امتلأنا إعجاباً لهذه القوة التي تجعله فوق مستوى الرجال الآخرين، ونتساءل كيف استطاع ان يبقى دون ماء فترات طويلة، وكيف انه وضع الحصى في فمه ليتغلب على العطش.

وكنا نتساءل لماذا لا يوجد في الصحارى ماء. وننتيه في تصور اماكن بعيدة مخيفة لا يمكن للإنسان العادي ان يجتازها. أما هذا الرجل البسيط الذي يجلس معنا فقد اجتاز كل شيء؛ وهو الآن يتحدث وكأنه يقرأ في كتاب.

وكنا مستغربين لم لا يتحدث عن هذه المغامرات الى الكبار، وتتعجب اكثر ان الكبار لا يسألونه عنها؛ ان شيئاً من هذا لو حصل لأصبح وضع خالي معهم مختلفاً تماماً، فلن يجروا على ان يصفوه "بالمهبول" او اي وصف آخر من هذه الاوصاف القبيحة، وسيمتلئون دهشة ورعباً. وسيروا أنفسهم ضعفاء لا يقدرين على شيء.

كانت الاسئلة تدور في رؤوسنا الصغيرة، ولم نكن نجد لها جواباً، ثم تضيق في زحمة الضحكات الساخرة والكلمات التي تنهال عليه مثل المطر:

- متى تسافر؟

- أمغرب أم مشرق؟

- لا تتعب نفسك يا منكود... انت لا تصلح لشيء. انقبر في ارضك افضل لك!

- متى تأتي مرة اخرى يا مهبول؟

- حرام عليك ان تعذب الناقة بسفارات تائهة مجنونة!

- ولكنه سيعود غنياً هذه المرة. لولا ان "الحُر" مات قبل خمس سنوات لاستطاع ان يصل بجمل التمر الى الجوف، وان

يحصل على ثمن كبير، ولكن البعير رأى حظ ابراهيم العائر وفضل ان يموت!

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

ويضحك الرجال. ومن وراء الخصائص تتابع النسوة المشاهد وقد اشتعلن حماساً واخذن يضحكن ضحكات مكتومة أقرب ما تكون الى المواء او البكاء المتقطع. والخال ينظر الى الرجال وابتسامة حزينه تملأ وجهه، لا يجيب فاذا الحوا عليه يسألونه اين يريد ان يسافر، كان يقول:

- أرض الله واسعة، وعلى الرجال ان يسافروا، ان يتعبوا ويشقوا.. أما الرزق فمن عند الله. وهذه المدينة التي تقضون فيها عمركم لا اشتريها "ببارة".

ويسأله احدهم:

- ولكن الى اين هذه المرة؟

وتمر فترة من التوتر والصمت؛ يريدون ان يعرفوا وجهته. وينظر إليهم ولا يجيب، ثم بنوع من نفاذ الصبر يشير بيده نحو الشرق.

- ماذا لو تأخذ معك تمراً الى العراق؟

- ولكنهم يأتون بالتمر من العراق!

- حتى تخسر!

ويطلقون ضحكات عالية تهتز لها اعطافهم وتدعم اعينهم.

ظلت هذه المشاهد تتكرر باختلاف يسير. وظل الرجال ينظرون الى الخال هذه النظرة المشوبة بالسخرية والرتاء. اما هو فلم يتغير موقفه منهم. كان ينظر إليهم ببرود، وابتسامة حزينه تملأ وجهه. أما عيناه المتعبتان فقد كانتا تحدقان في نقطة ابعد من وجوه الرجال وابتعد من القامات التي يراها امامه. كان يفكر بأماكن بعيدة واناس آخرين. وترتسم على وجهه ظلال الافكار والاماكن التي يراها، فيستجيب لها بلذة حاملة تلمسها بانفراج الخطوط الثقيلة التي تملأ جبهته. او بيده الخشنة تمتد الى اللحية الرمادية تعبت بها ولكن ضجة الرجال ونظراتهم لا تلبث ان تعيده؛ فتراه يهز رأسه بعصبية وكأن كابوساً أيقظه من نوم عميق، يفتح عينيه على آخرهما وينظر الى الوجوه وكأنه يراها لأول مرة، ويحاول بتكلف ظاهر ان يعيد ارتباطه بما حوله ولكنه لا يلبث ان يترك الحلقة التي تضيق عليه في اول فرصة تلوح له الى الهواء.

\* \* \*

جاء خالي مرة، بعد انقطاع دام أكثر من سنتين، وقد بدا في هذه المرة عصبياً مهموماً، لا يريد ان يكلم احداً، وحتى الصغار. أما الاسئلة التي توجه اليه فلا يجيب عليها الا مضطراً.

كان يقضي جزءاً كبيراً من وقته نائماً تحت عريشة العنب، ينام في النهار لفترات طويلة رغم حرارة الجو (اذ كنا في اوائل الخريف) متدثراً بفروة من جلد الخروف، ويضع عصاه الطويلة قريبة من رأسه وعندما تخنقه الحرارة، او عندما نوقظه لكي يأكل، يهب عصبياً مرعوباً، وحباب العرق الغزير تتساقط من جبهته على لحيته ورقبته.

في ظهيرة يوم من تلك الايام اغتنم فرصة وجود ابي وحيداً ودخل عليه، وبهدوء اغلق الباب وراءه.

يقول ابي: «دخل علي ابراهيم بحذر، كانت عيناه تبرقان بريقاً لم اعهد في هاتين العينين المطفأتين. وكان وجهه اصفر يميل الى الزرقة الحائلة، واطرافه ترتجف. ما كاد يدخل ويغلق الباب حتى توجست خوفاً، فاضطرب قلبي وظننت ان شراً وشيكاً لايد ان يقع.

نظر الي ابراهيم نظرات حائرة غامضة، ثم حاول الابتسام، فبدت ابتسامته أقرب الى البكاء، اذ ارتخت عضلات فمه، وتدللت شفته السفلى، ثم لم يلبث ان عدل فجأة عن الابتسام وكان افكاراً غاضبة مرت في رأسه او تذكر امراً محزناً. بدت لي اللحظات طويلة قاسية، بين اغلاق الباب والكلمات التي سمعتها تخرج اخيراً من فمه. حتى لكانها تأتي من مكان بعيد او من عالم آخر قال:

- هذه آخر مرة يا حاج اطلب منك مالاً.... اريد ثمن جمل ولن ترى وجهي بعد اليوم.

- ولكن اين الناقة التي جئت بها آخر مرة؟

-لقد بعته واشتريت بدلاً منها سبعة رؤوس من الغنم.

- واين الغنم؟

حينذاك امتلأ وجه الخال بالحيرة، فقسست عيناه وضائقاً، وامتدت شفته السفلى والتي تشبه قطعة الجلد اليابس، كان واضحاً انه يصارع افكاراً تزحم رأسه، ولكن في لحظة قرر ان يجي:

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

- راحت الغنم... يا حاج.

- ولكن كيف راحت؟ هل ماتت؟»

ويمضي ابي فيقول: «عندما اتضح لي الموقف عادت لي شجاعتي، وقلت في نفسي ان الفرصة قد حانت، اذ أستطيع الآن ان أملى شروطي على الخال، وان اثبت له ان الكلام الذي حاولت اقناعه به أكثر من مرة، لم يعد هناك حاجة لأن اردده عليه من جديد. لقد اقتنع ابراهيم ولن يردد كلاماً سخيفاً طالما رده في المرات السابقة.

كان يقول لي في كل مرة حاولت ان أقنعه بترك الحياة التي يعيشها: استغرب كيف يستطيع الانسان الجلوس على كرسي من القش، في دكان رطبة لا تزورها الشمس طوال النهار. وكأنه مربوط بين اكياس السكر والرز.. انه اذا ظل هكذا فترة من الزمن فلا بد ان يتحول الى جزء من الاشياء تشبه الحجر. وان حياة الجرذان أفضل ألف مرة، ويصمت طويلاً، ثم ينهي حديثه! يجب ان يعيش الانسان في الشمس، في العراء، والماء الصافي والمطر، ورائحة العشب والصحراء، والخيل والغنم والجمال. هذه المرة لم يقل شيئاً.

- راحت يا حاج وانتهى امرها.

- لا اعطيك ثمن البعير الا اذا عرفت كيف راحت الغنم؟»

وقرر الخال ان يتكلم، تردد اول الامر، ثم قال كنت في ارض الرقة هذا الربيع، وتعرفت الى عرب يتاجرون بالغنم، وبعد فترة قضيتها عندهم، همسوا بأذني ان اتزوج من امرأة يعرفونها وتعيش بطرف الرقة، وبعد تفكير طويل وحساب لما يتطلبه الزواج من مال، قررت ان ابيع الناقة واشتري بدلاً عنها بضعة رؤوس من الغنم. لأن الغنم تعطي الحليب والصوف، ويمكن ان يقرض بعض المال. وهذا ما فعلته، فقد بعته واشتريت، وصار ما يشبه الحديث في الزواج، وبعد ان دفعت مالاً وكدنا نستمر في الامر الى نهايته، اذ بها تشتترط علي ان اقيم في المدينة، في بيت من الطين، وان اقيم بصورة دائمة، وقالت انها لا ترحل ولا تريد لي ان ارحل، وقد افهمت الوسطاء ان قبول مثل هذه الشروط مستحيل. وبعد ان تعبت في محاولتي تركت كل شيء ورحلت. هكذا راحت الغنم يا حاج! وتنهى بحركة.

ويضيف ابي: «كنت اتصور اني وصلت، فالخوف الذي لمستته في وجه الخال، وتردده في الحديث، ثم توسلاته ان اعطيه مالاً ليشتري بعيراً او اشتريه له بمعرفتي، جعلني في مركز لا اعرف كيف اتصرف، فالرجل لا يزال يعاند، لا يريد ان يستقر في المدينة، ولا يريد ان يرتبط بشيء، ولا يزال يفضل ان يتيه في البوادي من مكان آخر؛ كان بإمكانني ان ارفض اعطائه المال، ولكن رفضي لن يغير في الامر شيئاً، وإذا اعطيته فمثل كل المرات السابقة سيشتري بعيراً. يتشرد معه سنة او سنتين، جائعاً، ضائعاً بلا هدف، ثم يأتي مرة اخرى، قد يأتي ببعير باعه واشتراه عدة مرات، وقد يأتي دون شيء. وتتكرر نفس الطلبات قررت ان اعطيه. ولكن كنت اريد ان اعذبه، ولا اقول ان احاول معه، فقد وصلت بعد تفكير، الى ان المحاولات معه لن تفيد شيئاً، عرضت عليه ان اعطيه مبلغاً أكثر مما طلب شريطة ان يفتح دكاناً ويستقر، عرضت عليه ان اشتري له تجارة يذهب بها مع آخرين الى العراق، فاذا عاد منها دون ان يهجم مرة اخرى، اعطيته تجارة يتصرف بها بنفسه، عرضت عليه ذلك كله، ولكنه بدا بعيداً أكثر من كل مرة، كان ذاهلاً لا يسمع كلماتي، ولم يتفوه الا بكلمات قليلة، ولكنها كانت واضحة وحازمة. قال لي: أتتذكر يا حاج المرأة الحلبية؟ لقد تزوجت مرة اخرى بعد ان تأكد لها انه يستحيل علي البقاء في المدينة، لقد تنازلت لها عن الولد، وقلت لها اني لن اطالب به في يوم من الايام. وهذه بنت الرقة قبل ان تكمل شروطها رحلت دون ان اقول كلمة واحدة. أما التجارة فانا لا اعرف من امرها شيئاً. وصمت قليلاً ثم قال "يا حاج اعطني ثمن بعير والله يخلف عليك. ولن ترى وجهي مرة اخرى.

كانت ملامح الخال متوسلة خائفة، واجتاحه شعور قوي اني لن اعطيه هذه المرة، خاصة بعد ان عرفت كيف راحت

الغنم».

يضيف ابي وقد امتلأ نشوة وهو يروي القصة.

«كنت اريد ان اعرف كيف تحلى عن الغنم بهذه السهولة، سألته:

- هل عقدت عليها يا خال؟

- لم اعقد عليها، ولكن الموافقة تمت. وكادت الامور تنتهي، لولا ذلك الشرط!

- كان يجب ان تسترد الغنم، لأنها لم تصبح زوجتك.

- ولكنني خجلت يا حاج. بعد ان اختلطت غنمي بغنم اهلها.

- هذا حقا. أما إذا خدعوك فهذا امر آخر.

- لم يخدعوني. لقد تركت كل شيء، وسافرت دون ان يحس بي أحد.»

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

ويختم ابي كلامه فيقول: "اعطيته المبلغ بعد مساومة طويلة. واشترى الناقاة!"

\* \* \*

ما زلت اذكر تلك الناقاة التي يتحدث عنها ابي. كانت فرحة الخال كبيرة، كان يربط الناقاة قريباً من المكان الذي ينام فيه، ثم يبدأ يتحدث اليها ويمسح على ظهرها، ويغني لها بعض الاحيان، وفكر ان يعطيها اسماً، ولكنه تردد في اللحظة الاخيرة، وقال انه لن يفعل ذلك قبل ان يجربها في سفر طويل.

بعد ايام كنا ننوي زيارة احدى خالاتي في قرية تبعد قليلاً عن المدينة، وقرر الخال ان يشاركنا الرحلة، فاستيقظ مبكراً وهياً الناقاة، وانطلق قبل رحيلنا بأكثر من ساعتين، وما كدنا نصل مشارف القرية التي تسكن فيها خالتي، حتى التقينا الخال يخب على الناقاة، وكأنه يركب سفينة، وظل يشير الى سيارتنا حتى ابتعدت.

لقد بقيت تلك الزيارة محفورة في ذاكرتي. والان كلما مرت صورة الخال اذكر الوجه الفرح، والغناء، واشياء اخرى قد لا تخطر ببال. ففي الليلة التي قضيناها عند خالتي، وبعد ان ربط الخال ناقته في ساحة الدار، سهر معنا طويلاً وتحدث كما لم يفعل من قبل.

تحدث عن المدينة والنساء والمال والسفر، وتحدث عن الجمال، ورغم ان حديثه عن بعض الامور كان غامضاً فقد بدا كل شيء تلك الليلة أخذاً، له بريق حاد.

قال لنا بعد ان تزوج، لم يستطع الاقامة في المدينة أكثر من ستة أشهر، تصور المدينة بعدها مثل غول يطبق على صدره ويكاد يخنقه، فعافت نفسه الاكل وتحول الى حيوان كاسر، وخاف ان يؤدي زوجته فاقترح عليها السفر، وكاد ان يقترح عليها الاقامة في مكان آخر، ولكن رفضها وعنادها أرغمها على ان يتركها. ولما عاد اليها بعد سنتين وجد لديها ولداً منه، وفكر ان يقيم في المدينة من جديد، ولكنه لم يطق، وبعد تفكير طويل تخللته متاعب ومشاحنات طلقها وترك لها الطفل.

تحدث الخال عن اشياء اخرى، قال انه لا يحب المال ولا يعرف ماذا يصنع به، كما لا يريد بيتاً ولا زراعة، وانه يعتبر التجارة سرقة مكشوفة، أما السفر فانه وحده حرية الانسان، وكل ما عداه وهم! وظلت كلمة السفر تتردد في اذهاننا كأقوى نبرة تلتقطها آذاننا، ونتيه وراءها في خيالات بعيدة!

سهرنا طويلاً تلك الليلة ثم صعد الخال لينام على سطح الدار، بعد ان ربط رجله برس الناقاة، وظل صوته يصل الينا هادئاً حزينا، وحداه يذكر بحنين غامض، ولم يهدأ ولم ينقطع صوته الا بعد ان نهرت خالتي وهددته اكثر من مرة، ثم شتمته، واخيراً اضطر ان ينام، او هكذا بدا لنا.

في الصباح استيقظنا على اصوات غير طبيعية، اصوات غامضة ملفوفة بأسئلة قصيرة واجابات تمتزج فيها الصرخات باللعنات والبكاء.

لقد سقط الخال من سطح الدار. ومات.

في الغرفة التي مدد فيها كان وجهه مزرقاً والدماء يابسة على خده ولحيته، وشفتاه منتفخة وأقرب الى السواد. بعد شهرين كان قبر الخال ينبش من جديد، وتخرج جثته لتشرح؛ فقد وصلت الى السلطة معلومات تقول ان الخال مات مسموماً...

عندها بدأت بعض الكلمات تأخذ معنى محدداً في ذهني. لقد فهمت تماماً معنى كلمة منكود... وعائر الحظ.

### Referências bibliográficas

SHELLINGER, P. (ed.). *Encyclopedia of the Novel*. Londres, Routledge, 1998.

BADAWI, M.M. (ed.) *Modern Arabic Literature*. Cambridge, Cambridge University Press, 1992. Online:

<<https://www.theguardian.com/news/2004/feb/05/guardianobituaries.booksobituaries>>

<<http://www.assignmentpoint.com/arts/biography/biography-of-abdul-rahman-munif.html>>



CRIAÇÃO & CRÍTICA  
ESPECIAL

**Recebido em:** 10/09/2019

**Aceito em:** 31/10/2019

**Referência eletrônica:** APRIGLIANO, Adriano. Um ghul dentro do peito. Do conto “O Infeliz”, de Abd Arrahman Munif. *Criação & Crítica*, p., ago. 2020. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. Aaaa